

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE MEDICINA

ALEX CANARIN OMARI

A ANTROPOLOGIA DOS RITOS DE PASSAGEM NA MORTE

MACEIÓ

2021

ALEX CANARIN OMARI

A ANTROPOLOGIA DOS RITOS DE PASSAGEM NA MORTE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a coordenação do curso de  
Medicina da Universidade Federal de  
Alagoas

Orientador: Gerson Odilon Pereira

I

MACEIÓ

2021

# TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

———— Gerson Odilon Pereira ————



sarvier

---

# TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A  
MORTE E O MORRER

**TANATOLOGIA**  
DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER

GERSON ODILON PEREIRA

**Capa**

Ana Carolina Vidal Xavier

**Foto capa**

Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

**Fotolitos/Impressão/Acabamento**

Editora e Gráfica Santuário Aparecida

Fone: (12) 3104-2000

**Direitos Reservados**

Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

**sarvier**

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.  
Rua dos Chanés 320 – Indianópolis  
04087-031 – São Paulo – Brasil  
Telefone (11) 5093-6966  
sarvier@sarvier.com.br  
www.sarvier.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Gerson Odilon

Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /  
Gerson Odilon Pereira. -- São Paulo : SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase  
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos  
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –  
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos  
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937

19-30764

-612.67

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos  
155.937
  2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67
- Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

## A Antropologia dos Ritos de Passagem na Morte

Alex Canarin Omari  
Felipe Augusto Fagundes Camillo  
Renata Torres de Andrada Ferraz

Os ritos de passagem simbolizam não apenas uma transição ou o fim de um ciclo para um único indivíduo, mas também representam sua participação na sociedade em que se encontra inserido, adquirindo, assim, caráter individual tanto quanto coletivo. Desde as civilizações primitivas, tais ritos têm sido empreendidos, inclusive com consumo significativo de energia em uma atividade não econômica (Becker, 1994). A relação de cada civilização com a morte pode ser esclarecida analisando-se suas cerimônias e rituais para com o falecido.

A intenção ritualística pode trazer boas influências aos vivos, conceder solicitações aos familiares que prestam a homenagem ou até mesmo garantir o bem-estar no além-vida da pessoa que partiu. Inclusive, algumas religiões acreditam que os vivos, mais especificamente os descendentes do falecido, têm a obrigação de continuar provendo o morto através de oferendas, como no Budismo e Taoísmo. Em algumas culturas, acredita-se que o falecido tenha sua existência continuada após a morte, podendo até mesmo continuar agindo na vida daqueles que ainda estão vivos.

O aspecto religioso se faz parte importante dos ritos de passagem, mas o aspecto social não deve ser ignorado. O sentido de família se preserva com a união dos familiares e parentes para velar ou sepultar alguém que partiu, fortalecendo os laços. Existe a manutenção da coesão social e alguns pesquisadores, como Tamás David-Barrett e James Carney, defendem até mesmo a importância desses rituais no processo evolutivo.

Em 1906 Arnold van Gennep (1873-1957), um antropólogo franco-holandês, se propôs a estudar rituais e cerimônias em algumas culturas e, através de comparação etnológica, o pesquisador percebeu que os ritos de passagem (e especialmente os ritos de margem, que têm papel central em sua obra) estão presentes em sociedades com qualquer grau de estruturação política e social. A partir disso, Gennep classificou os ritos em três categorias principais: ritos de separação, como o sepultamento; ritos de margem (também chamados de “liminares”), como uma festa de noivado; e os ritos de agregação, como o casamento. De um modo geral, os três aspectos estão presentes em todos os ritos, entretanto cada ritual tem um enfoque maior em um, dependendo do ponto de vista de compreensão do fenômeno. O significado de morte em si sofre variação interpessoal e se altera frente ao amadurecimento emocional e cognitivo do indivíduo.

Existe um caráter simbólico muito forte na morte e nos rituais de sepultamento, descritos, de alguma forma, em todas as civilizações humanas. Com isso, podemos resgatar um pouco desse simbolismo na forma do arquétipo de morte que existe em nossas consciências, conforme defendia o psiquiatra e psicoterapeuta Carl Jung. Para ele, existem em nossa mente matrizes de pensamentos relacionados à morte e à ressurreição que derivam do inconsciente coletivo. Essas imagens e padrões emergem indiretamente quando se manifestam através da arte, mitos, religião e outras formas de expressão. Isso se reflete no fato de que, ao longo da história, em grande parte das culturas e religiões, muitas dessas separadas por barreiras geográficas, existe uma figura que passou por uma jornada de morte e ressurreição. Entre elas, podemos citar Jesus Cristo, Buddha, Krishna, Quetzalcoatl (para os Aztecas), Osiris, Isis e Horus.

Outrossim a relação entre o desenvolvimento dos ritos fúnebres e do avanço social pode ser traçada longamente na literatura científica. À medida que as concepções da sociedade sobre família, trabalho e ciência variaram ao longo do processo histórico, também variaram a importância e a formatação dos rituais post-mortem. Se antes as cerimônias tinham uma ligação íntima com as dinâmicas da família, com a ascensão de uma sociedade ligada ao modelo biomédico, estas passaram a ser menos pessoais e usar intermediários. Antes, cada momento era executado por aqueles mais emocionalmente ligados ao de cujus, desde a preparação do cadáver. O simples ato de lavar o corpo e vesti-lo deixou o âmbito das residências e passou aos hospitais, com as mortes cada vez mais medicalizadas após os longos internamentos, passando-se a tarefa a enfermeiras ou agentes funerários, diminuindo-se, assim, o contato com o defunto (Gomes, 2006).

Outro fator que contribuiu para a formatação atual das cerimônias fúnebres é a pluralidade religiosa não só no âmbito dos núcleos familiares, mas na sociedade como um todo. Ao passo que, com a globalização, temos diferentes culturas e credos convivendo em espaços antes exclusivos, passamos a observar conflitos antes inexistentes (Gomes, 2006). Nas diversas crenças religiosas, há diferenças significativas quanto ao que é aceito como forma de sepultamento ou até mesmo como local de sepultamento. Do funeral nos céus do Himalaia até a tradicional inumação no ocidente, as diferenças ritualísticas se fazem desde a escolha do campo santo até a urna onde esse corpo será sepultado ou não. O ritual pré-sepultamento é uma parte importante do processo de luto, como ensina Kubler-Ross, sendo esse também um momento que leva à agregação familiar, expondo diferenças de pensamento e crença que até então não estavam visíveis. Com a presença de cada vez mais religiões nos mesmos núcleos familiares da chamada família extensa, isso se tornou ainda mais observável. Além disso, o surgimento de novas técnicas de destinação de cadáveres também representa uma nova fronteira nesse campo. A possibilidade de manter o ente querido próximo na forma de uma joia ou de uma árvore é desafiadora do ponto de vista psicológico.

Os ritos funerários também representam os estamentos de uma sociedade. Assim, as maiores honrarias estão reservadas àqueles que atingem maior ascensão social. Como exemplo, citamos os chamados funerais de Estado, reservados às maiores autoridades ao redor do mundo. Mas também exemplifiquemos o sentido oposto: para aqueles com uma conduta socialmente reprovável, temos ao longo da história, documentadas formas de sepultamento consideradas desonrosas e que seriam, seguindo as crenças de vida após a morte, uma forma de perpetuar a punição. Nesse sentido, podemos citar o descrito por artigos tratando das populações pré-históricas brasileiras (Becker, 1994; Machado, Sene e Silva, 1994). Ambos os trabalhos tratam sobre a complexidade dos ritos fúnebres em sociedades originárias sob a perspectiva antropológica.

Ao longo do registro histórico, os ritos de passagem relacionados à morte são uma constante, a começar pelo momento de maior relevância na civilização egípcia, com todo o caminho que foi percorrido por aquele povo que buscava nesses rituais garantir que o corpo físico seria preservado para a vida após a morte. A apoteose Romana é outro rito funeral que tem importância político-histórica. Nesse, os senadores romanos conferiam status divino aos imperadores que fossem considerados dignos. Além disso, tais ritos serviam para as articulações que levariam à escolha do novo Imperador (Gonçalves, 2007). Reiterando, os ritos fúnebres permeiam as relações sociais ao longo de toda a história, independentemente da camada social a ser analisada.

Por fim, podemos afirmar a importância do estudo da Antropologia Funerária para ampliarmos os conhecimentos sobre as relações humanas e sobre as civilizações, esclarecendo de um modo que se possa entender como viviam aquelas civilizações. Ademais, lança-se a luz também sobre como estão as relações sociais atuais, utilizando-se da ferramenta etnológica. A forma com que a sociedade vem se relacionando com a morte sofreu mudanças, com repercussões profundas nas dinâmicas dos rituais pré e pós sepultamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BECKER, Ítala Irene Basile. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 61-74, jul. 1994. ISSN 1982-1999.
2. CHIAVENATO, Júlio J. *A Morte: Uma Abordagem Sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998.
3. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
4. GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Septimius Severus and the Pertinaces' Consecratio: Death and power rituals. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 20-35, 2007.
5. GOMES, Edlaine de Campos. Morte em família: ritos funerários em tempo de pluralismo religioso. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 731-754, Dec. 2006.
6. KUBLER- Ross, E. "Sobre a morte e o morrer": 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1998.
7. MACHADO, Lília Cheuiche; SENE, Gláucia Malerba; SILVA, Laura P. Ribeiro. Estudo preliminar dos ritos funerários do sítio do caju, RJ. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 75-90, jul. 1994.